

RACISMO: um olhar para a negritude na perspectiva analítica

Beatriz de Araujo Timoteo¹

Vanessa Carolina Almeida de Jesus²

RACISMO: um olhar para a negritude na perspectiva analítica

Resumo

Através do olhar analítico, o presente artigo tem como objetivo principal trabalhar a conscientização de que o racismo existe e, muitas vezes, se perpetua no arquétipo sombra através de conteúdos que podem ser reprimidos. Busca refletir sobre uma falta, haja vista que a produção de materiais nesta perspectiva se mostra escassa. A metodologia utilizada se fez através de revisão bibliográfica, por meio de levantamento de artigos e livros condizentes com o tema e a perspectiva teórica. Visto que o racismo na negritude pode ser realizado tanto de forma consciente, quanto inconsciente, observou-se a necessidade de refletir sobre esta temática na sociedade. Assim, o presente texto traz uma perspectiva na qual propõe-se uma conscientização do sujeito sobre essas atitudes que podem ser prejudiciais na vida de quem sofre com a realização destes atos. Descreve como este conteúdo pode atuar inconscientemente quando reprimido, sua relação com algumas projeções e possíveis interconexões com outros conteúdos. Conclui considerando a importância de elucidações e esclarecimentos sobre o tema, a fim de que ocorra uma superação do racismo na negritude em suas diferentes formas de discriminação.

Descritores: racismo, psicologia analítica, sombra.

RACISM: a look at blackness from the analytical perspective

Abstract

Through the analytical look, the present article has as main objective to work the awareness that racism exists and, many times, is perpetuated in the shadow archetype through contents that can be repressed. It aims for reflecting about a lack, considering that the production of

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil. E-mail: beatriz.araujo@edu.unipar.br

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil. E-mail: vanessa.a.jesus@edu.unipar.br

materials in this perspective is scarce. The methodology used was done through a bibliographic review, by a survey of articles and books in accordance with the theme and the theoretical perspective. Since racism in blackness can be hold both consciously and unconsciously, there was a need to reflect about this issue in society. Thus, the present text brings a perspective in which is proposed an awareness about these attitudes that can be harmful in the lives of those who suffer from these acts. It describes how this content can unconsciously act when repressed, its relation with some projections and possible interconnections with other contents. It concludes considering the importance of clarify the subject matter, in order to overcome racism in blackness in its different ways of discrimination.

Descriptors: racism, analytical psychology, shadow.

RACISMO: una mirada a la negritud desde la perspectiva analítica

Resumen

A través de la mirada analítica, el presente artículo tiene como principal objetivo trabajar la conciencia de que el racismo existe y, muchas veces, se perpetúa en el arquetipo de la sombra a través de contenidos que pueden ser reprimidos. Se busca reflexionar sobre una carencia, dado que la producción de materiales en esta perspectiva es escasa. La metodología utilizada se hizo a través de una revisión bibliográfica, por medio de un relevamiento de artículos y libros acordes con el tema y la perspectiva teórica. Dado que el racismo en la negritud puede llevarse a cabo tanto de manera consciente como inconsciente, existía la necesidad de reflexionar sobre este tema en la sociedad. Así, el presente texto trae una perspectiva en la que se propone una toma de conciencia del sujeto sobre estas actitudes que pueden ser nocivas en la vida de quien padece estos actos. Describe cómo este contenido puede actuar inconscientemente cuando es reprimido, su relación con algunas proyecciones y posibles interconexiones con otros contenidos. Se concluye considerando la importancia de las aclaraciones y aclaraciones sobre el tema, con el fin de superar el racismo en la negritud en sus diferentes formas de discriminación.

Descriptor: racismo, psicología analítica, sombra.

Introdução

Para Munanga (2003), em uma visão etimológica, a raça surgiu do italiano “razza”, que por sua vez veio do latim ratio, sendo a expressão de “sorte, categoria, espécie”. No latim, na época medieval, raça era atribuída para pessoas da mesma descendência. Em 1684, François Bernier utilizou o conceito raça para classificar a variedade humana em grupos. Inicialmente, nas ciências naturais, a raça era designada para classificar espécies animais e vegetais. Nos séculos XVI e XVII na França, o termo raça passou a ser referido às relações de classes sociais, com os Francos em detrimento aos Gauleses (a Plebe da época). Os Francos eram vistos como superiores aos Gauleses, sendo a classe nobre da época (Munanga, 2003).

Dessa forma, começa a categorização, nivelamento e divisão das raças. E, conseqüentemente, a cor da pele tornou-se um critério a ser considerado para a classificação do humano em três formas que estão no imaginário da sociedade e na ciência: negra, amarela e branca (Munanga, 2003).

Adentrando ao tema deste trabalho, no século XIX, os traços negróides como nariz, boca, queixo e crânio, passaram também a ser questões de hierarquização da raça. Posteriormente, no século XX, a ciência contribuiu com a descoberta de que raça não é uma verdade ou comprovação biológica, é apenas um termo utilizado para definir a pluralidade humana. Isso não quer dizer que todos os seres humanos são semelhantes, mas sim que as diferenças não são suficientes para a classificação racial (Munanga, 2003).

Entretanto, a hierarquização das raças relacionou fatores biológicos com características culturais, cognitivas e psicológicas do branco em detrimento do negro. Ou seja, existe a atribuição social de valor superior da branquitude sobre a negritude. Tudo que é bom será classificado e definido para o branco, tudo que é ruim será relacionado com o negro, legitimando assim a dominação racial (Munanga, 2003).

Por esse pensamento, a escravidão justificou-se por considerar que um ser humano superior poderia ter o outro como propriedade, de maneira a manter a economia por meio da mão de obra. Os negros não eram considerados humanos e, ao negar a sua humanidade, insere-se a possibilidade de controle (Pessanha, 2018).

Com isso, o racismo pode ser entendido como um sistema de ideias e valores do povo europeu sobre a diversidade cultural racial dos indivíduos (Wedderburn, 2007). E muitos foram os desastres causados pelos navios negreiros. Que começaram a ser problematizados principalmente após a Segunda Guerra mundial, sendo que no Brasil por volta de 1960 (Wedderburn, 2007).

Considerando a realidade brasileira, a escravidão deixou impressões indeléveis na sociedade. A abolição foi um processo lento e doloroso. E a ciência, por muito tempo, também contribuiu para a manutenção da desigualdade racial em todo o mundo (Nunes, 2006). Nessa perspectiva, percebe-se a necessidade da consciência de que o racismo existe, é visível e próximo, e que se manifesta de maneira velada, sendo muitas vezes inconsciente e oculto (Nunes, 2006; Fernandes, 2016).

Em pesquisa, notou-se que, tendo como base a genética, 87% dos brasileiros se enquadram na categoria de ancestralidade africana, tendo ao menos 10% de ascendência. Porém a maioria dos brasileiros não se identificam como negros e se declaram brancos (Pena; Bortolini, 2004). Portanto, compreende-se que existem muitas vezes a não identificação do negro com a sua origem racial. Segundo as informações acima, torna-se mais desejável estar na posição de branquitude do que negritude pelos benefícios oferecidos perante a sociedade (Scandiucci, 2016).

Junta-se a esses dados o fato de que, desde 1980, os índices de homicídio no Brasil cresceram rapidamente e essas fatalidades também aumentaram sobre a população negra, precisamente com os jovens. Em 2019 as agressões fatais foram de 162% a mais que pessoas não negras, tendo uma representação de 66% sendo mulheres. Entre os anos 2009 e 2019 aumentou cerca de 1,6% as fatalidades entre negros (Cerqueira, 2021). No Brasil os corpos negros ganham nos altos índices de desemprego, na habitação em favelas ou no sofrimento de viver com condições mínimas de vida, além de ser essa a população que sofre o maior índice de violência (Cardoso, 2013).

Partindo destes dados, vê-se a necessidade de reflexões sobre a negritude e o aparelho psíquico humano, sobretudo no Brasil, contemplando o processo do racismo através de manifestações do inconsciente pessoal e coletivo. Ao fazer um levantamento teórico, compreende-se a existência do chamado arquétipo cultural, sendo esse emergente na alma brasileira (Tancetti; Esteves, 2020).

Psicologia Junguiana e o racismo

Para contextualizar a ligação do racismo na negritude com a psicologia analítica, primeiro é necessário entender qual a sua familiaridade com a teoria de Carl Gustav Jung, psiquiatra e fundador desta linha de pensamento. Este autor definiu a estrutura da psique, basicamente, em consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

Conceituando a consciência, afirma-se que é tudo o que sujeito vivencia num dado momento. Ou seja, ao descrever uma experiência, pode-se relatar o que se sente nela, um

estado de ciência de si mesmo. Um exemplo característico é que a mesma tem a reflexão de poder olhar no espelho e distinguir que trata-se de uma percepção de si (Edinger, 2004). Trata-se de um nível raso de conhecimento que possui uma camada maior e profunda, a inconsciência. Neste sentido, a consciência é afunilada, pois a aprendizagem dá-se a pequenas referências em determinadas situações, como explorar uma fresta e ver somente um instante. E tudo o que não é visto ou explorado habita no que chama-se de inconsciente (Jung, 2001).

Assim, o inconsciente refere-se a algo que o indivíduo não é capaz de definir por sua ampla incompreensão, ou seja, tem-se apenas uma imaginação do conceito. Para melhor compreensão surge a distinção de conteúdos identificados de procedência individual, aprendizagem do próprio sujeito ou itens de vivências que não estão na luz da consciência (Jung, 2001). Conceitua-se então o inconsciente pessoal, constituído através das vivências e experiências do sujeito que podem, algum dia, já terem sido conteúdos da consciência (Jung, 2000). O inconsciente pessoal não pode ser encontrado em toda parte, ele possui memórias perdidas, retraídas de forma proposital ou recordações que podem, por exemplo, causar interferências nos processos psíquicos (Jung, 2014).

Em outra dimensão não conhecida, que é próprio do indivíduo com surgimento coletivo, dá-se na concepção de não se constituir de forma individual. Comportamentos e até mesmo alguns conteúdos são comuns em determinadas pessoas trazendo a designação de uma estrutura de alma global (Jung, 2000). A expressão coletivo refere-se a conteúdos obtidos de forma hereditária, como uma herança genética humana. Segundo Edinger (2004), para que o sujeito tenha saúde psíquica é necessário a manutenção de uma relação efetiva com o inconsciente coletivo. Manutenção essa que, no desenvolvimento da vida do indivíduo, pode vir através de experiências que abarquem uma realidade coletiva.

Continuamente à estrutura psíquica, surgem os arquétipos que representam impressões que se traduzem em estruturas e constructos do inconsciente. Neste contexto, a estruturação psíquica se desenvolve a partir de uma base que compreende o ego, que se relaciona à consciência. Traz a ideia de compatibilidade social do sujeito, em conjunto com a Persona - máscara social, uma ligação com o meio social do sujeito. Após surge a Sombra, originada de forma que o ego desenvolva sua autonomia definindo o que gosta ou não. Esta também é entendida como receptora de conteúdos reprimidos e negações. Dessa forma, ideia aqui discutida, o racismo pode ser reprimido e até mesmo negado através da sombra. Seguidamente a Anima e Animus, tratando-se de opostos, se traduz como o lado feminino do

homem e o lado masculino da mulher, Por fim, o Self ou Si-mesmo, tratando-se da totalidade do indivíduo (Edinger, 2004).

Após este percurso entende-se um pouco da psicologia analítica e percebe-se que o sujeito não pode ser visto como alguém sozinho, mas sim como um ser que possui trocas coletivas, de várias etnias. Indo além, nessa realidade de relações, surge a necessidade de um olhar sobre si mesmo e, de forma específica neste trabalho, um olhar sobre a alma brasileira (Boechat, 2014).

Neste item, dá-se início ao processo de identidade que se torna rico para a psicologia. A psicologia analítica, neste ponto, traz reflexões que contribuem para compreensão da essência do povo brasileiro, algo a ser pensado de forma complexa e autêntica (Boechat, 2014).

Quando se busca a igualdade da etnia brasileira é notável que existe uma extinção de lembranças, identidades e apreciações. O que leva o povo brasileiro a uma supervalorização de indicações não brasileiras como, por exemplo, identidades da Europa. Dessa forma é gerada uma subalternidade dos brasileiros, tudo o que vem do outro lado (externo/exterior) é melhor e passa-se a não olhar para o potencial do povo brasileiro. Dentro da psicologia analítica pode se compreender esse fenômeno como um complexo cultural (Boechat, 2014). Aliado a isso, ocorre também um complexo de inferioridade, que pode ligar-se ao complexo cultural. Estes, num conjunto, influenciam uma vivência desligada das raízes do sujeito, criando relações negativas com grupos, uma comunidade ou um país - o Brasil, por exemplo - pela escassez de conhecimento sobre as origens (Dias e Gambini, 1999).

Esses conteúdos, em muitos momentos, se encontram vinculados à sombra que paira sobre o sujeito ou grupo. De forma inconsciente, se fazem presentes através de projeções perceptíveis apenas ao olhar atento.

A sombra e o racismo

De acordo com Whitmont (1994), a camada da personalidade que foi reprimida pode ser chamada de sombra e nos deparamos com ela, muitas vezes, através de projeções. Para Zweig e Jeremiah (1994) a sombra pessoal é formada desde que somos crianças. O ego é construído a partir das características desejáveis e estimuladas pela sociedade e, no desenvolvimento, é ocultado tudo que é indesejável. Portanto, o ego e a sombra se formam juntos por meio das mesmas vivências. O que é desprezado pelo ego é recebido pela sombra.

Não se fala aqui apenas de conteúdos negativos, mas também aqueles que apresentam características positivas e são ignorados pelo ego na relação do sujeito com o meio. Segundo

Sanford (1998) a sombra seria uma existência não vivenciada, mas que possui atributos que podem ser estimulados e inseridos na vida do sujeito (Sanford, 1998). Para Dias e Gambini (1999) a sombra seria uma parte desconhecida e real da personalidade, que não é percebida pelo ego ideal de uma nação ou cultura. Esta parte, quando não consciente, é projetada no outro e faz com que o objeto seja visto como oposto, adversário ou rival, em um processo de desumanização do objeto.

Zweig e Jeremiah (1994) também afirmam que a sombra pessoal possui em si um potencial que não foi estimulado, sendo ela esquecida, ignorada e rejeitada, até o momento em que ela é reencontrada no contato com o outro. Esta é uma das maneiras que é vivenciada a projeção da sombra, por meio das ações dos outros que podem gerar incômodo, repulsa e/ou afeição.

A sombra, como um arquétipo, possui estruturas psicológicas herdadas, ou seja, comportamentos humanos possíveis e pré existentes que são energias vivas dentro do indivíduo que podem ser expostas coletivamente por meio do pré julgamento, da maldade ou conflitos humanos (Zweig e Jeremiah, 1994). Compreende-se assim, que o racismo pode ser encontrado na sombra pessoal e coletiva, pois apresenta uma representação humana que remete à exclusão daquilo que é diferente do sujeito, algo que gera uma repulsa.

Ao se trilhar este caminho, percebe-se que a sombra coletiva é refletida na maldade humana (Jung, 2011). Muitas pessoas vivem a parte rejeitada da sombra através de projeções que podem ser canalizadas em grupos como, por exemplo, o movimento nazista contra os judeus ou o apartheid, que revelam o conflito das ideias de superioridade de uma raça sobre outra. Assim, o preconceito racial pode ser visto a partir da projeção. Portanto, na perspectiva aqui adotada, a negritude e a branquitude se colocam como pares opostos nos quais se percebe um movimento de projeção da sombra. Esse processo de projeção ocorre quando conteúdos do inconsciente não se tornam conscientes, uma parte da personalidade que não é conhecida no indivíduo, mas vista no outro como algo a ser excluído. Assim, o que o sujeito não vê e não aceita nele, aparece no outro e é identificado como algo a ser rejeitado (Sanford, 1998).

É importante a compreensão das manifestações da sombra pessoal e coletiva para que o ego não se identifique com ela. Tal consciência é imprescindível para não existir a projeção da parte sombria de forma cruel, pois, quando um sujeito se vê oposto e diferente do outro, é comum que este descaracterize e extermine o objeto através da justificativa de que não é igual a si (Sanford, 1998). Ou seja, há um processo de busca de identificação pelo que é

comum ao sujeito, como permanência em um conteúdo narcísico. Do contrário, o que não se torna espelho de si é algo a ser excluído.

Segundo Jesus (2016) no processo da escravatura ocorre a recusa de identificação do outro sobre algo que está em si mesmo, sendo essa uma ação de defesa do ego. O negro é a personificação do que o branco não quer ser e assim ocorre uma inversão de papéis, o branco é a vítima e o negro o inimigo, ocorrendo a projeção, onde o escravo é a representação da outra parte do branco, do seu senhor, de maneira oposta. O indivíduo branco está cindido, a parte boa do ego é visualizada na totalidade e a parte má é projetada no outro. O indivíduo branco teme reconhecer uma parte de si mesmo, ou seja, interagir com seu oposto e transformar os conteúdos afetados.

A sombra dos europeus, no período da escravidão, foi projetada sobre o Brasil recém localizado, no que refere-se aos aspectos negativos dela (Dias; Gambini, 1999). Para Dias e Gambini (1999), na trajetória da escravidão houve o distanciamento da dor do negro, o branco foi insensível ao sofrimento do mesmo, deixando impressões dolorosas que não foram totalmente expressas pelo povo africano. Neste processo, características que eram negadas no branco europeu recaí sobre o negro escravizado. Liga-se a isso o fato de que havia na negritude uma ligação direta com uma vivência mais natural e livre. Ao europeu, isso se colocava como um desejo inalcançável devido às tradições já estabelecidas. É neste sentido que podemos falar da sombra, pois havia nesta relação um desejo inconsciente que deveria ser extirpado. E, por mais que houvesse a intenção da relação com este conteúdo, o mesmo era rejeitado. Diz-se isso, pois, na intenção de relação, o branco direcionava ao negro todas as características inferiores de sua própria personalidade - desejos naturais, religiosidade distanciada de si, relação com a terra e entre os pares (Dias e Gambini, 1999). A não identificação e introjeção dessas projeções gera uma falha na consciência que interfere na ideia de responsabilidade do branco sobre esses desdobramentos históricos. Nessas impressões, para alguns autores, se perpetua a falta de identidade brasileira, surgindo um débito da psique que precisa ser desenvolvido e trabalhado em um processo de consciência (Dias; Gambini, 1999).

O processo de consciência da sombra pode ser pessoal ou coletiva. Especificamente no Brasil, para Dias e Gambini (1999), a sociedade precisa ser consciente da sua história, sua identidade e seus ferimentos, pois, existe um saqueamento da alma brasileira por parte da sombra coletiva que organizou o país em estruturas de exclusão por meio de legados escravistas e ódio velado. Mesmo com amparos legais que visam igualdades, essas

diferenças ocorrem. De acordo com os autores citados, existe uma negação da alma do outro, sendo a do povo negro muitas vezes vista como uma alma inferior (Dias e Gambini, 1999).

Não existem respostas para compreender como é identificada a sombra, sobretudo na coletividade. Poucos tentarão um processo reflexivo sobre sua própria atitude. Cada pessoa tem e passa por situações que levam à percepção de suas condutas, individuais e coletivas. Mas, em meio a essas atitudes e ações, pode-se perceber uma atuação projetiva da sombra, algumas vezes, por meio do humor, sonhos com figuras inferiorizadas, contos e fantasias que trazem aspectos conscientemente menosprezados. O reconhecimento destes pode levar à tomada de consciência de forma mais ampla, reorganizando o processo da individuação (Sanford, 1998).

Para Robertson (2021) a sombra precisa ser desenvolvida para não ficar a serviço do pior que está em nós, ela precisa ser aperfeiçoada em uma perspectiva pessoal e cultural por meio da consciência. É desnecessário lutar contra aquilo que se acredita oposto, pois o que é desprezado é parte de nós mesmo, sendo esse conteúdo uma possibilidade de crescimento, em que ao abraçá-lo e admiti-lo podemos avançar.

Para Dias e Gambini (1999) os brasileiros reconhecem que possuem muitas raças, porém não surge a identificação com o povo negro, surge assim uma parcialidade de identificação, onde o sujeito negligencia a totalidade e se reconhece em partes. Nessa ocultação esconde a perversidade, a sombra, que é negada. Ou seja, verificamos por meio de tais apontamentos a necessidade de reconhecimento do que é recusado e reprimido.

Após a identificação dos conteúdos ocultos é esperado um caminho de mudança da identificação egóica pessoal e coletiva, em um movimento de trabalho com a própria história, em uma visão de totalidade. Dias e Gambini (1999) acreditam que a solução dos problemas apresentados encontram-se na junção de raças e na superação da ideia de que unir é prejudicial ou maléfico. Tanto o antídoto como o inimigo, segundo esses autores, moram dentro de nós. Assim fica evidenciado a importância da ação de consciência pessoal e coletiva na atuação do racismo em uma dimensão profunda de reflexão e consciência que abrange também a esfera do inconsciente.

Sendo assim, diante do texto supracitado, percebe-se a necessidade de olhar para o racismo com uma perspectiva diferente, é preciso entender a história de tudo o que houve no passado e ver o quanto este ocorrido ainda reflete nos dias atuais. Conforme dados levantados, o racismo tem grandes manifestações. A causa do racismo refere-se a um assunto que ainda tem muito a intumescer, é necessário muitos diálogos que objetivem reflexões e em

consequência transformações, juntamente com o entendimento de que na verdade não há distinção de cor e raça, somos todos seres humanos.

Considerações finais

Diante do estudo levantado por meio das pesquisas bibliográficas e apontamentos realizados, pode-se concluir que o objetivo principal deste trabalho foi atingido. Compreende-se que a conscientização e reflexão do racismo através do entendimento do conceito de sombra é de extrema importância na construção subjetiva do indivíduo, em razão de que a consciência deve ser levada a processos até então inconscientes.

Em vista disso, entende-se que a consciência é estar ciente do mundo e de si. E que é perceptível que ela também atua sob influência do inconsciente. Desta forma, o inconsciente também é visto como um indivíduo que é capaz de se perceber e vincular, ou seja, sendo atuante sobre o sujeito (Edinger, 2004.).

Assim sendo, os conteúdos inconscientes da subjetividade humana possuem grande força de atuação. A influência da sombra na psique pode estar associada ao racismo em meio a conteúdos reprimidos, que vazam do inconsciente e podem se expressar por meio da discriminação, exclusão e repulsa. A atuação dos conteúdos da alma (complexos e arquétipos) ao se encontrarem com o ego origina-se o processo chamado de individuação, que corresponde a conteúdos que emergiram do inconsciente, esse desenvolvimento é caracterizado como uma manifestação de opostos, sendo inicialmente ego e inconsciente, indivíduo e objeto e cada confronto de opostos pode-se ocorrer a expansão da consciência (Edinger, 1984).

No decorrer das reflexões, entende-se que através das projeções a sombra se manifesta e realiza seu trabalho de amenizar o sofrimento do sujeito ao não lidar com esses conteúdos. No caso aqui descrito, isso se manifesta através do racismo, uma manifestação que pode ser de conteúdos inconscientes e negados pelo indivíduo. Portanto, ao levar todos esses apontamentos em consideração, percebe-se que o processo de estar consciente dos conteúdos inconscientes é um movimento importante e necessário que pode fazer com que o sujeito atue sobre o mundo, se aproximando de quem se é de maneira mais consciente.

Referências

- Boechat, W. (2014). *A alma brasileira: luzes e sombra*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Cerqueira, D. (2021). *Atlas da Violência*. São Paulo: FBSP.

- Fernandes, M. (2016). *O lugar do negro: o negro no seu lugar*. Anais XVII. Rio de Janeiro, p. 01 - 09. ago.
- Dias, L.; Gambini, R.(1999). *Outros 500: Uma conversa sobre a alma brasileira*. São Paulo: Senac.
- Jung, C. G. (2000). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis, RJ : Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 1959).
- Jung, C. G. (2011). *Aspectos do drama contemporâneo*. Petrópolis, RJ : Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Jung, C. G. (2014). *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis, RJ : Editora Vozes. (Trabalho original publicado em).
- Jung, C. G. (2001). *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1935).
- Jesus, J. O. de. (2016). A Máscara. *Cadernos de Literatura em Tradução*, (16), 171-180. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.i16p171-180>
- Munanga, K. (2003). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *EDUFF*, Niterói - RJ.
- Nunes, S. (2006). Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. *Psicologia USP*, São Paulo, p. 01 - 10, abr.
- Pena, S.; Bortolini, M. (2004) *Pode a genética definir quem deve se beneficiar das cotas universitárias e demais ações afirmativas?*. São Paulo: Estudos avançados.
- Pessanha, A. de M. (2018). *Necropolítica & Epistemicídio: As faces ontológicas da morte no contexto do racismo*. Universidade de Brasília - Brasília. (pp 09-98).
- Robertson, R (2021). *Guia prático da psicologia junguiana: um curso básico sobre fundamentos da psicologia profunda*. (pp 05- 303). São Paulo: Cultrix
- Sanford, J. A. (1998). *Mal, o lado sombrio da realidade*. São Paulo: Paulus.
- Scandiucci, G. (2006). *Cultura hip hop: um lugar psíquico para juventude negro-descendente das periferias de São Paulo*. São Paulo: Imaginário.
- Tancetti, B.; Esteves, J. (2020) O racismo como complexo cultural brasileiro: uma revisão a partir do feminismo decolonial. São Paulo: Junguiana.
- Wedderburn, C. M. (2007). O Racismo através da história: da antiguidade à modernidade. *UNESP*: São Paulo.
- Whitmont, E. C. (1994). A evolução da sombra. In: Zweig, C; Abrams, J. (Orgs.), *Ao encontro da sombra o potencial oculto do lado escuro da natureza humana* (pp, 07-344). São Paulo: Cultrix.

Zweig, C. & Jeremiah, A. (1994). Introdução: O lado da sombra na vida cotidiana. In: Zweig, C; Abrams, J. (Orgs.) *Ao encontro da sombra o potencial oculto do lado escuro da natureza humana* (pp, 07-344). São Paulo: Cultrix.